
A BIOPOLÍTICA E A DIPLOMACIA DE SAÚDE GLOBAL DA CHINA NA PANDEMIA DE COVID-19

Matheus Lemos Parente

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Instituto de Geociências.
m203498@dac.unicamp.br

RESUMO

A pandemia causada pelo coronavírus se tornou um dos grandes desafios sanitários em escala global do século XXI, de modo que gerou uma grande comoção por ter se espalhado rapidamente em várias regiões do mundo, causando uma série de impactos. Neste contexto, foram decisivas as ações chinesas mundo afora diante a diplomacia de saúde e sua ascensão na governança de saúde global, em frente ao que ficou conhecido como “diplomacia das máscaras”. Visto isso, Foucault compreende a biopolítica como uma forma de manifestação de poder, ou seja, a biopolítica estabelece mecanismos de controle que incidirão sobre as populações, estabelecendo cesuras entre diferentes grupos de acordo com o interesse político e econômico almejado. Portanto, o objetivo da pesquisa é verificar na política externa chinesa a atuação do país, destacando as suas práticas diplomáticas e seu papel na governança da saúde global, em frente ao conceito de biopolítica de Foucault. A metodologia central desta pesquisa foi a revisão bibliográfica, por meio de consulta, revisão e interpretação de fontes bibliográficas. Portanto, o lapso da pandemia de COVID-19 se apresenta então, como um momento de reflexão sobre a atuação biopolítica chinesa na área médica e sanitária internacional.

Palavras-chave: Desenvolvimento Sustentável. Impactos Ambientais. Uso e ocupação da terra.

INTRODUÇÃO

A pandemia causada pelo coronavírus (COVID-19)¹, doença causada pelo vírus SARS-CoV-2, se tornou um dos grandes desafios sanitários em escala global

1 O Covid-19, do inglês *Coronavirus Disease 2019*, é uma doença infectocontagiosa causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2), do inglês *severe acute respiratory syndrome-associated coronavirus 2*. A doença se transmite através de gotículas produzidas nas vias respiratórias das pessoas infectadas e, seus sintomas mais comuns são febre, tosse seca e cansaço. Como resposta, autoridades em todo o mundo responderam implementando restrições a viagens, *lockdowns*, controle de locais de trabalho e fechamentos de instalações. As medidas preventivas recomendadas incluem distanciamento social, uso de máscaras faciais em público, ventilação e filtragem de ar, lavagem das mãos, cobertura da boca ao espirrar ou tossir, desinfecção de superfícies e monitoramento e auto-isolamento para pessoas expostas ou sintomáticas. Várias vacinas estão sendo desenvolvidas em todo o mundo e, a vacinação já está sendo realizada em escala global. O vírus tem origem zoonótica e o primeiro caso conhecido da doença foi em Wuhan, na China em 2019 (OMS, 2021). Em janeiro de 2020 a OMS classificou o surto como Emergência de Saúde Pública de Âmbito Internacional e, em março de 2020, como pandemia global. Ressalta-se que, em 14 de outubro de 2021, 239.121.766 casos foram confirmados em 192 países e territórios, com 4.880.642 de mortes atribuídas a doença, se tornando uma das maiores pandemias da história mundial (CSSE, 2021).

do século XXI, de modo que gerou uma grande comoção diante de uma doença que se espalhou rapidamente em várias regiões do mundo, causando uma série de impactos. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), em outubro de 2021, os casos confirmados de COVID-19 já ultrapassaram 239 milhões em todo o mundo (OMS, 2021). É certo que a pandemia causada pela doença causou significativos impactos econômicos, sociais e políticos a diversos países do globo, fato que levou a China adotar práticas de cooperação e expandir sua diplomacia de saúde global no combate à doença para evitar um colapso diante a crise sistêmica.

Atualmente a China é um ator imprescindível nas discussões em nível global, sendo cotada para estabelecer uma bipolaridade ou multipolaridade abrangente no sistema de nações, gerando, portanto, narrativas internacionais acerca dos objetivos da atuação chinesa no exterior. Os anos de 2020 e 2021 foram decisivos na difusão das ações chinesas mundo afora, neste caso, focamos principalmente na diplomacia de saúde e sua ascensão na governança de saúde global, em frente ao que ficou conhecido como “diplomacia das máscaras”.

Visto isso, Michel Foucault (1988) compreende a biopolítica como uma forma de manifestação de poder por meio da qual os mecanismos da vida biológica dos seres humanos são incluídos na gestão política de um Estado, passando a ser gerenciados e administrados. Ou seja, a biopolítica tem como foco estabelecer mecanismos de controle que não mais incidirão sobre corpos individuais, mas sobre populações, estabelecendo cesuras entre diferentes grupos de acordo com o interesse político e econômico almejado (FOUCAULT, 1988). Nesse sentido, o conceito de biopolítica assume especial relevância para a interpretação e esclarecimento de fenômenos da contemporaneidade, como é o caso da pandemia do coronavírus.

Portanto, esta pesquisa objetiva verificar na política externa chinesa a atuação do país, destacando as suas práticas diplomáticas e seu papel na governança da saúde global, por meio da estratégia da chamada diplomacia das máscaras em frente ao conceito de biopolítica de Michel Foucault.

O período da pandemia global de SARS-CoV-2, se encaminha para ser um momento paradigmático na história do sistema internacional, transformando a geopolítica mundial e as relações entre os Estados no cenário de crise sistêmica. Junto a isso, a biopolítica foucaultiana em um profícuo espaço de trabalho com diversas possibilidades de desenvolvimento de várias questões que permanecem abertas ao debate deste ensaio, como, por exemplo, as regras, restrições e padrões comportamentais causados pela pandemia, a diplomacia e a governança de saúde global, e a cooperação entre atores internacionais. Desse modo, são observáveis práticas de cooperação e a provisão de bens públicos da China para outros países do mundo em frente a diplomacia das máscaras. Portanto, o lapso da pandemia de COVID-19 se apresenta então, como um momento de reflexão sobre a atuação biopolítica chinesa na área médica e sanitária internacional.

METODOLOGIA

A metodologia central desta pesquisa foi a revisão bibliográfica, por meio de consulta, revisão e interpretação de fontes bibliográficas. Na revisão bibliográfica, foi

usado procedimento a identificação, sistematização e análise do material levantado, tais quais livros, artigos de revistas acadêmicas, teses e dissertações, sendo que as buscas foram efetuadas em bases como Google Acadêmico, SciELO, REDALyC, entre outras, bem como nas bibliotecas da Unicamp.

Outro procedimento importante foi a investigação em periódicos jornalísticos ((jornais, revistas e sítios eletrônicos de agências de notícias) brasileiros, latino-americanos e chineses (em língua portuguesa, espanhola e inglesa) e de centros de estudos e pesquisas sobre a China para acompanhamento das seções dedicadas aos assuntos afins, com o objetivo de buscar dados, informações e análises qualificadas.

SÍNTESE DA BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

Um primeiro conceito, central ao artigo, é a *Biopolítica* de Michel Foucault, que na sociedade contemporânea assume o papel de ferramenta conceitual imprescindível para a compreensão e explicação de determinados fenômenos, como é o caso da pandemia de COVID-19 e a atuação dos atores internacionais na área da saúde e sanitária. Na obra foucaultiana, a biopolítica envolve a complexa questão da normalização biológica dos seres humanos em relação à governamentalidade². Por biopolítica, Foucault vai designar o movimento segundo o qual, a partir do século XVIII, a vida biológica começa a se converter em objeto da política, ou seja, a vida biológica passa a ser produzida e, além disso, administrada (CASTRO, 2011). Segundo Foucault, “o objetivo é o controle sobre a vida, organizando-a através das instituições, o que inclui formas de vigiar, de majorar, para que tudo e todos estejam organizados segundo o sistema capitalista. Se trata de pensar uma deliberação que visa formas para controlar a vida: assim nasce a biopolítica” (FOUCAULT, 2007). Ou seja, para Foucault o corpo é uma realidade biopolítica. Nesse sentido,

a biopolítica consistiria nas medidas que atuam e interferem sobre a cultura, a sociedade, a economia, as leis, a saúde, a educação, além de ditar normas e restrições comportamentais que afetam a população, ditando parâmetros e ações sobre a vida e a morte (FOUCAULT, 2007, p. 40).

Nesse movimento, Foucault evidencia como a potência da vida humana passa a ser aproveitada pelo Estado e pelas instituições como elemento de poder, ou seja, passa-se a incluir a vida humana nos cálculos do poder. Afinal, a lógica da biopolítica é cuidar/maximizar a vida humana para que ela seja produtiva (WERMUTH, 2017).

Desse modo, no sistema capitalista de produção se torna imprescindível instrumentalizar o saber sobre a vida, de modo a viabilizar tanto o controle quanto a inserção da população nos processos de produção, ajustando, então, os fenômenos naturais aos processos econômicos. Ou seja, o objetivo é controlar as consequências dos fenômenos naturais de modo que elas signifiquem ganhos econômicos (DUARTE, 2010). Para Foucault, o sistema capitalista pressupunha a

² Conceito inventado por Michel Foucault para analisar geneologicamente como ocorreram os processos históricos que transformaram a questão política da soberania real em governo estatal na modernidade (FOUCAULT, 2008).

inserção controlada dos corpos no aparelho de produção e um ajustamento dos fenômenos de população aos processos econômicos. Logo, a biopolítica viabiliza o ajuste “da acumulação dos homens à do capital, a articulação do crescimento dos grupos humanos à expansão das forças produtivas e a repartição diferencial do lucro” (FOUCAULT, 1988).

A biopolítica de Foucault, portanto, vai designar a inclusão da vida mesma no âmbito de ação dos atores por meio de políticas sanitárias, urbanísticas, educativas, entre outros, de modo que, a biopolítica não vai buscar a alteração do indivíduo ou se ocupar com fenômenos individuais. A partir de previsões, estimativas, estatísticas e medições, ela vai priorizar as intervenções nos fenômenos em nível global, com o escopo de estabelecer mecanismos reguladores (WERMUTH, 2017).

Um outro tema a ser aplicado no trabalho é a *diplomacia da saúde global*, uma área de abordagem muito importante na pandemia do COVID-19 e na era da globalização e disseminação de doenças transfronteiriças. Segundo Ilona Kickbush e Chantal Berger (2010), o termo se refere às questões de saúde que transcendem fronteiras nacionais e governos e demandam intervenções nas forças e fluxos globais que determinam a saúde das pessoas, exigindo novas formas de governança em nível nacional e internacional, as quais incluem uma ampla gama de atores (KICKBUSH; BERGER, 2010).

Com os novos desafios transfronteiriços da saúde devido a pandemia de COVID-19, há a necessidade de uma resolução de forma conjunta dos problemas pelos países, de modo que as questões de saúde estão se tornando um elemento essencial das políticas externa e de segurança, assim como nos acordos comerciais. No contexto em que as dinâmicas globais mudam rapidamente, é fundamental entender as transformações nos padrões das doenças, uma compreensão aprimorada dos determinantes sociais, políticos, econômicos e sanitários, e a diversidade dos agentes internacionais. Logo, isso representa uma mudança de abordagem onde a saúde internacional passa a ter uma perspectiva global que transcende fronteiras e se caracteriza pelo sentido da responsabilidade coletiva pela saúde. Ou seja, em consequência da globalização, os problemas nacionais de saúde nacional não podem mais ser tratados unicamente de maneira isolada, pelo contrário, exigem esforços coordenados e conjuntos pela saúde global (KICKBUSH; BERGER, 2010).

De fato, há um reconhecimento cada vez mais importante de que determinados bens públicos globais³ precisam ser negociados e assegurados e que regimes na área do comércio e do desenvolvimento econômico devem ser complementados também, por outras esferas, como saúde ou meio ambiente. Portanto, a diplomacia da saúde global visa interpretar tais processos de negociações, níveis e atores múltiplos que moldam e dirigem o ambiente da política global da saúde (KICKBUSH; BERGER, 2010). Visto isso, a China nos últimos anos tem emergido como um importante ator na diplomacia da saúde global, especialmente na provisão de bens públicos globais em uma escala estratosférica.

³ Bens econômicos não excludentes e não rivais comuns a todo o planeta, cujo nenhum país possui posse exclusiva sob tais itens. Um bem público global deve possuir as seguintes propriedades: não ser competitivo; não ser excluível; e estar disponível em uma escala relativamente global (KAUL, 2000).

Por fim, uma categoria que buscamos aprofundar foi e a denominada *diplomacia das máscaras*, e sua atuação em frente a diplomacia e governança de saúde global, de modo que a pandemia global de COVID-19 contribuiu para esclarecer as dinâmicas de poder que permeiam as relações entre os Estados, de modo que foram observadas práticas e políticas de cooperação. Portanto, pode ser um momento revelador das ações chinesas em relação a sua provisão de bens públicos em nível global.

Ao passo que a crise ocasionada pela pandemia de COVID-19 foi multiplicando discursos negativos em relação à China. Então, o governo chinês aumentou seus esforços na promoção de suas práticas de cooperação e provisão a fim de anular críticas ao mesmo tempo que difundiu narrativas elogiosas sobre si. Em relação à sua legitimidade internacional e busca por poder durante este momento de crise sistêmica, houve uma transformação das estratégias de governança global de saúde durante a pandemia, de modo que a China se preocupou em ser mais assertiva em defesa da sua imagem e das narrativas a seu respeito. Conforme afirmam Kurt Campbell e Rush Doshi (2020),

Pequim está trabalhando para transformar esses primeiros sinais de sucesso em uma narrativa maior a ser transmitida para o resto do mundo, uma narrativa que faz da China o ator essencial em uma recuperação global (CAMPBELL; DOSHI, 2020, p. 1).

A China promoveu a diplomacia das máscaras, que segundo Brian Wong (2020), é marcada por uma grande ênfase na distribuição e fornecimento de recursos contextualmente importantes, como por exemplo, ajuda médica, equipamento e suprimentos, e pelo fornecimento de ajuda financeira pela China, garantindo linhas de suprimentos médicos relativamente estáveis a vários países da ALC (WONG, 2020). Logo,

o surto da pandemia COVID-19 expôs as fraquezas significativas de infraestrutura de saúde pública em países em desenvolvimento. Instalações de saúde foram oprimidas pela súbita onda de casos, de modo que os sistemas de informação foram incapazes de lidar, enquanto equipamentos de proteção individual básico, incluindo respiradores, máscaras cirúrgicas, hospital luvas, roupas de proteção, óculos médicos e capas de sapatos médicos eram escassos. A China forneceu produtos e equipamentos de proteção no mercado mundial em tempos de COVID-19, e a continuação capacidade da China de fabricar e exportar esses suprimentos serão cruciais para os países, especialmente países pobres, para combater a pandemia e outras doenças potenciais (BOWN, 2020, p. 1).

Porém, cabe nos atentar visto que, a diplomacia das máscaras também é marcada pelo estabelecimento de relações de dependência de longo prazo, pois ao oferecer ajuda de emergência em momentos críticos, como é o caso da pandemia de COVID-19, a China ganha acesso incomparável e significativo à infraestrutura crítica⁴ dentro dos estados que se abrem, bem como a oportunidade de fomentar

⁴ Instalações, serviços e bens públicos ou privados, considerados essenciais para o funcionamento da sociedade, podendo provocar sérios impactos sociais, econômicos, e políticos, caso tiverem suas atividades interrompidas ou sua integridade afetada (JUNQUEIRA, 2022).

sentimentos de gratidão e reciprocidade, ou seja, uma estratégia de poder biopolítico. Portanto,

compreender a diplomacia de máscara da China requer mais do que duas posições opostas e sem nuances. Uma abordagem interpreta os esforços da diplomacia como um sinal da benevolência e disposição da China em ascender à liderança global. Por outro lado, os ávidos cínicos em relação ao regime chinês aproveitaram a oportunidade para retratar a administração chinesa como descaradamente oportunista e prejudicial em sua obtenção de suprimentos médicos. Nenhuma das interpretações está correta. A diplomacia de máscara da China é mais bem entendida como uma emulação e adaptação bem-sucedida das melhores práticas diplomáticas de longa data, que, com o surto de Covid-19 em curso, emprestaram ao regime maltratado uma chance aparente de redenção global. Se a ajuda médica da China mascara ou não algo mais profundo, só o tempo dirá (WONG, 2020, p. 1).

Desse modo, para continuar seu desenvolvimento e alcançar seus objetivos estratégicos, a China deverá investir cada vez mais em suas práticas de cooperação e influência, de maneira a criar um sistema internacional aberto aos seus interesses ao mesmo tempo que evita uma postura dura, coesiva e hegemônica (OLIVEIRA; FERNANDES, 2020). Portanto, os temas relacionados às políticas chinesas no cenário da pandemia mundial, permanecerão como algo muito relevante no campo de estudos sobre China e poder.

DISCUSSÃO

Intimamente aliado com a globalização do capital, um conjunto de poder novo e diverso conhecido como diplomacia e/ou governança de saúde global liberal, termo que se refere a um poder variado e complexo cujo princípio fundador reside na administração e produção da vida, emergiu com a pandemia de COVID-19. Neste conceito plural e complexo que representa considerável intensificação e extensão daquilo que Michel Foucault chamou a “grande economia de poder” e a “biopolítica” (NICHELE; WERMUTH; FERREIRA, 2022).

A pandemia do coronavírus estabeleceu um estado de emergência global, causando diversos impactos, sendo que inúmeros condicionaram a intensidade desses efeitos. Esses fatores condicionantes são de diferentes espécies, dentre as quais se destacam os relativos às características dos indivíduos (como a idade e a existência de comorbidades). São relativos à estrutura socioeconômica de desigualdades e de vulnerabilidades, e relativos à forma como os governos conduziram as ações de resposta.

Neste contexto pandêmico, os atores dominam a gestão das populações em um determinado período, radicalizando e aprofundando as técnicas biopolíticas aplicadas sobre o território. De fato, os dispositivos biopolíticos exercidos indicavam vigilância e/ou reclusão, permitindo o desenvolvimento de uma série de técnicas médicas de controle dos corpos que se tornaram medidas políticas e econômicas de controle da população como um todo. Portanto, a pandemia de COVID-19, por seu apelo ao controle, se caracterizou por constituir verdadeiros “laboratórios de

inovação social”, nos quais se reconfiguraram técnicas biopolíticas de gestão da população (RUIZ, 2020).

Técnicas de poder biopolítico foram criadas e colocadas em funcionamento para organização dos espaços, para higienização das cidades e para o estabelecimento de políticas sanitárias que objetivam o controle em nome da segurança do conjunto da população. No paradoxo imunitário que o combate ao vírus nos coloca, o processo de saída da democracia e o movimento de suspensão dos direitos ou liberdades são paradoxalmente justificados pela necessidade de proteger estas mesmas leis e liberdades (NICHELE; WERMUTH; FERREIRA, 2022).

No cenário internacional, a China emergiu como um importante ator na saúde global, servindo como uma fonte impactante de assistência ao desenvolvimento no exterior e assistência ao desenvolvimento para a saúde, compartilhando preocupações sobre ameaças de doenças infecciosas transfronteiriças, aderindo à governança global da saúde e participando do compartilhamento global de conhecimento e tecnologia acerca de questões sanitárias e de saúde (TANG et al., 2017). Neste contexto, a China vem aumentando sua influência em escala mundial, tendo um importante papel no cenário global da saúde, atuando inclusive em grandes organizações multilaterais como a OMS, gerando importantes desdobramentos geopolíticos e geoeconômicos, e se mostrando claramente como um ator biopolítico.

Em relação aos debates envolvendo a pandemia mundial de COVID-19 no campo das relações internacionais tem sido sobre a possibilidade de a China se consolidar como uma das lideranças mundiais em relação à questão sanitária e de saúde. De fato, a China exerce a promoção de sua diplomacia pública, via difusão midiática de seus êxitos para lidar com a crise e, realização de reuniões e ativa participação nas organizações internacionais, como a OMS, quanto por meio do envio de equipe médica e ajuda material, como equipamentos, suprimentos e medicamentos essenciais, para diversos países do mundo.

A China promoveu a diplomacia das máscaras, com o objetivo de conter a pandemia. Segundo o Gabinete de Informação do Conselho de Estado da China (2020), a China no combate ao COVID-19, entre o dia 1 de março até o dia 31 de maio de 2020, exportou cerca de 70,6 bilhões de máscaras faciais, 340 milhões de roupas de proteção, 115 milhões de pares de óculos, 96.700 ventiladores, 225 milhões de kits de teste e 40,29 milhões de termômetros infravermelhos para mais de 200 países (China's State Council Information Office, 2020).

De forma específica, podemos verificar o posicionamento biopolítico da China enquanto país provedor de bens públicos globais em frente à sua diplomacia das máscaras, por meio da cooperação deste país na área médica e sanitária, com o fornecimento de equipamentos de proteção individual (EPIs), vacinas e insumos médicos para vários países do mundo. Essas práticas de cooperação, governança e diplomacia na área medico-sanitária está em consonância com o que advoga Oliver Stuenkel (2019) quando afirma que a China busca se projetar mundialmente como um

provedor de bens públicos globais, como um dos países que quer colaborar para lidar com as mudanças climáticas, que apoia um sistema internacional baseado em regras e normas e que não ameaça outros países, como os EUA ameaçam o Irã, por exemplo. Então, a China, de certa maneira, busca

se projetar também como um *good citizen* (bom cidadão) no cenário internacional. Essas são as principais fontes do seu *soft power* (STUENKEL, 2019, p. 1).

Assim, a China como um importante ator na área da saúde global e um fundamental provedor de bens públicos na área médica, atua em várias frentes e desenvolve diversas iniciativas, cujos impactos na política, saúde, economia e sociedades. Portanto, a presença biopolítica da China é vista como muito relevante no cenário internacional, tendo também potencial de alterar a integração regional em curso causada pela pandemia de COVID-19, e que passa por um momento de questionamentos, incitando novos alinhamentos, fraturas e tensões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por biopolítica, portanto, Foucault vai designar a inclusão da vida no âmbito de ação governamental e institucional por meio de políticas sanitárias, urbanísticas, educativas, entre outros. Desse modo, à medida em que a população é regularizada, torna-se possível a controlá-la e otimizar sua produtividade.

Como efeito, a pandemia de COVID-19 trouxe impactos econômicos negativos para diversos países do mundo, pois, de maneira geral, senão há vida, não há produção. Desse modo, os governos e as instituições agiram com medidas biopolíticas de contenção e combate ao coronavírus. É justamente no cenário internacional que a China entra como ator biopolítico em frente à sua governança de saúde global e a diplomacia das máscaras, se apresentando como um importante provedor de bens públicos globais de saúde.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOWN, Chad. **COVID-19: China's exports of medical supplies provide a ray of hope**. Peterson Institute for International Economics, 2020. Disponível em: <https://www.piie.com/blogs/trade-and-investment-policy-watch/covid-19-chinas-exports-medical-supplies-provide-ray-hope>. Acesso em: 6 set. 2022.

CAMPBELL, Kurt; DOSHI, Rush. **The Coronavirus Could Reshape Global Order**. Foreign Affairs, 2020. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/articles/china/2020-03-18/coronavirus-could-reshape-global-order>. Acesso em: 13 set. 2022.

CASTRO, Edgardo. **Lecturas foucaulteanas. Una historia conceptual de la biopolítica**. La Plata: Unipe Editorial Universitaria, 2011.

Chinese State Council Information Office. **Fighting Covid-19: China in Action**. 2020. Disponível em: <http://english.www.gov.cn/news/topnews/202006/07/contentWS5edc559ac6d066592a449030.html>. Acesso em: 1 out. 2022.

DUARTE, André. **Vidas em risco: crítica do presente em Heidegger, Arendt e Foucault**. Rio de Janeiro: Forense Universtária, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978)**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **El nacimiento de la biopolítica**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007.

JUNQUEIRA, Andrei. **Infraestruturas críticas no Brasil: requisitos de segurança e oportunidades para o gerenciamento de vídeo**. TI Inside, 2022. Disponível em: <https://tiinside.com.br/10/05/2022/infraestruturas-criticas-no-brasil-requisitos-de-seguranca-e-oportunidades-para-o-gerenciamento-de-video/>. Acesso em: 25 set. 2022.

KAUL, Inge. **A hora dos bens públicos globais**. Le Monde Diplomatique Brasil, 2000. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/a-hora-dos-bens-publicos-globais/>. Acesso em: 23 set. 2022.

KICKBUSH, Ilona; BERGER, Chantal. **Diplomacia da Saúde Global**. Fundação Oswaldo Cruz, 2010. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/693>. Acesso em: 23 set. 2022.

NICHELE, Cíntia da Silva Telles; WERMUTH, Maiquel Ângelo Dezordi; FERREIRA, Aldo Pacheco. **A biopolítica da Covid-19 no Brasil: os dispositivos do necropoder no contexto neoliberal e as violações aos direitos humanos**. 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/28593/24975>. Acesso em: 16 out. 2022.

OLIVEIRA, Alana Camoça Gonçalves de; FERNANDES, Felipe Gusmão Carioni. **Soft Power em tempos de quarentena: as estratégias da diplomacia chinesa em meio à pandemia de Covid-19**. 2020. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10333/1/bepi_27_soft_power.pdf. Acesso em: 13 out. 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Coronavirus disease 2019 (COVID-19): Situation Report – 51**. 2021. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/331475/nCoVsitrep11Mar2020-eng.pdf>. Acesso em: 14 out. 2022.

RUIZ, Castor. **Questões éticas da biopolítica na pandemia que nos assombra**. Instituto Humanitas Unisinos, 2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/597369-questoes-eticas-da-biopolitica-na-pandemia-que-nos-assombra?fbclid=IwAR0p2SBwknFX5oOgvtEYoylZ0kY9mmvOOclEIPCCJxRMpZcS2rSdoKPY908>. Acesso em: 12 set. 2022.

STUENKEL, Oliver. Entrevista: **Como funciona o soft power chinês**. Nexo, 2019. Disponível em: <https://www.oliverstuenkel.com/2019/06/16/entrevista-funciona-chines/>. Acesso em: 9 set. 2022.

TANG, Kun; LI, Zhihui; LI, Wenkai; CHEN, Lincoln. **China's Silk Road and global health**. The Lancet, 2017. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(17\)32898-2/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(17)32898-2/fulltext). Acesso em: 26 set. 2022.

WERMUTH, Maiquel Ângelo Dezordi. **O CONCEITO DE BIOPOLÍTICA EM MICHEL FOUCAULT: NOTAS SOBRE UM CANTEIRO ARQUEOLÓGICO INACABADO**. Empório do Direito, 2017. Disponível em: <https://emporiiododireito.com.br/leitura/o-conceito-de-biopolitica-em-michel-foucault-notas-sobre-um-canteiro-arqueologico-inacabado>. Acesso em: 5 out. 2022.

WONG, Brian. **China's Mask Diplomacy**. The Diplomat, 2020. Disponível em:
<https://thediplomat.com/2020/03/chinas-mask-diplomacy/>. Acesso em: 13 set. 2022.